

Diversidade, unidade e saúde coletiva

Hannah Arendt¹ nos lembra que o mundo não é habitado pelo homem, e sim pelos homens. Ao dizer isso, ela demarca a pluralidade da condição humana, que, embora seja humana, jamais determina a existência de um homem genérico. Levando esse pensamento para pensar a coletividade, podemos considerar que não há uma coletividade genérica, e sim diferentes coletivos que a integram. A saúde coletiva, em sua concepção, se volta para as necessidades da população, mas, por estar também intimamente articulada à defesa dos direitos humanos, precisa assegurar que os movimentos que expressam a diversidade das situações singulares e grupais tenham reconhecimento social, político e jurídico.

Tal afirmação aparentemente pode nos levar a um impasse: como definir princípios e políticas de saúde coletiva para uma pluralidade de segmentos, ou até mesmo para um conjunto de individualidades, que habitam o coletivo? Buscamos nos ancorar no pensamento de Mary Douglas² para caminhar na direção da resposta a essa questão. Assim como Douglas², que considera haver regularidades em diferentes culturas, também podemos pensar em regularidades que unem os diferentes segmentos de uma coletividade. E afirmar que todos os segmentos de uma mesma sociedade, ainda que diferentes, almejam a saúde como um bem coletivo. Complementando esse pensamento e parafraseando Arendt¹, consideramos que a Saúde Coletiva vive com o paradoxo da pluralidade dos segmentos que conformam o coletivo.

É a partir da reflexão que articula o pertencimento ao todo e o respeito às diferenças que apresentamos este número especial. Ele põe em foco a diversidade de temas que vêm sendo desenvolvidos ou que podem se inserir na pauta do campo da saúde coletiva. Alguns dos textos que figuram nesta edição são ensaios teóricos que discutem a relação entre a temática e o campo mencionado. Outros defendem uma saúde voltada para identidades sociais que, ao mesmo tempo, são estáveis, provisórias e resultados de diversos processos de socialização que, em conjunto, “constroem os indivíduos, definem as instituições”³ e também enriquecem o coletivo. Boa leitura!

Editores-chefes – Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo e Antônio Augusto Moura da Silva

Romeu Gomes (<https://orcid.org/0000-0003-3100-8091>)¹

Maria Cecília de Souza Minayo (<https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>)²

Antônio Augusto Moura da Silva (<https://orcid.org/0000-0003-4968-5138>)³

¹ Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

² Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

³ Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal do Maranhão. São Luís MA Brasil.

Referências

1. Arendt H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária; 2014.
2. Douglas M. *Símbolos naturais: explorações em cosmologia*. São Paulo: Editora Unesp; 2021.
3. Dubar C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes; 2005.